



Alteridade no jornalismo: um mergulho nas histórias de vida do livro “A vida que ninguém vê”¹

Isabel de Assis FONSECA²

Paula Guimarães SIMÕES³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este trabalho vai analisar as narrativas jornalísticas elaboradas por Eliane Brum no livro *A vida que ninguém vê*. Essa análise tem como objetivo compreender como se conforma a relação entre jornalista e entrevistado, por “eu-outro” do nosso estudo, em um modelo específico de jornalismo que estamos chamando de *subjetivo*. Partindo do entendimento acerca da maneira como se configurou a relação entre Eliane Brum e seus personagens, pretendemos observar ainda como as narrativas escritas pela repórter afetam o leitor ao provocar nele processos de identificação, envolvimento e compreensão das histórias de vida presentes no livro.

Palavras-chave: jornalismo objetivo; jornalismo subjetivo; *A vida que ninguém vê* (2006).

1 Introdução

Dialogar é como andar de mãos dadas. É conquistar a confiança e a intimidade daquele com o qual está se relacionando. É um momento de entrega que só se conquista quando há reciprocidade. Dialogar é acionar sentidos que serão desenvolvidos entre interlocutores. É o instante em que se conformam o eu e o outro, os sujeitos sociais de uma relação.

Acreditamos que o diálogo só existe de fato quando há alteridade, conceito que fomos buscar na antropologia de François Laplantine (2007) para dizer da interação e interdependência entre os sujeitos de uma relação. A alteridade exige confiança, que só se conquista através da troca e da aceitação do eu para aquilo que o outro tem a revelar – por meio da fala, do silêncio, dos gestos, de seu espaço e objetos – em toda a sua diferença. Estamos falando, então, de uma interação presencial em que as deixas

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Especialista em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, email: belfonseca@gmail.com;

³ Orientadora do trabalho. Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, email: paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br.



simbólicas emitidas também devem ser observadas para que haja entendimento entre os sujeitos.

Essa abertura ao outro pode estar mais ou menos presente na prática jornalística, dependendo do modelo de jornalismo que se adota. Dito isso, o objetivo deste trabalho é analisar algumas narrativas jornalísticas a fim de apreender como se configura a relação entre jornalista e entrevistado, o par “eu-outro” do nosso estudo, em um modelo de jornalismo que pode ser chamado de *subjetivo*.

Assim, o texto parte de uma contraposição entre dois tipos específicos de jornalismo, evidenciando suas características centrais: o *objetivo* e o *subjetivo*. A partir desse referencial teórico, particularmente os traços que conformam esse último, examinamos algumas narrativas jornalísticas elaboradas por Eliane Brum no livro *A vida que ninguém vê*.

Essa breve análise dos textos de Brum é realizada por meio de categorias que dizem respeito: 1) ao eu jornalista; 2) ao outro, entrevistado/personagem da narrativa; 3) ao contexto em que está inserido o par eu-outro do fazer jornalístico e às questões sociais levantadas nos textos; 4) ao estilo de escrita da repórter e às técnicas utilizadas para conseguir materializar todo o processo de busca do outro e a relação conformada entre eles.

A partir do entendimento acerca do modo como foi construída a relação entre a jornalista Eliane Brum e seus personagens, pretendemos observar ainda como as narrativas escritas pela repórter procuram afetar o leitor, suscitando nele processos de identificação, envolvimento e compreensão das histórias de vida presentes em *A vida que ninguém vê*.

2 O Jornalismo Objetivo

Também conhecido como clássico ou tradicional, o jornalismo objetivo - consolidado no Brasil no século XX e ainda hoje tido como prática hegemônica nos meios de comunicação -, é fruto de uma sociedade moderna e capitalista calcada em ideais de “progresso e desenvolvimento social” (RESENDE, 2004, p. 6). Uma sociedade de valores cientificistas, em que o homem adquire a autoridade para dizer a verdade sobre o mundo através da razão. Segundo Resende (2008), era preciso então buscar espaços para extravasar o desejo de esclarecimento, e nesse contexto, o



jornalismo torna-se uma instituição legitimada a falar a verdade sobre os fatos cotidianos.

Esse modelo também está fundamentado na indústria cultural então constituída. A notícia virou produto consumido em massa, e seu valor está muito mais na quantidade e rapidez com que chega ao público do que na qualidade. Prioriza-se a modernização dos aparatos tecnológicos ao invés de qualificar seus profissionais e estimular as habilidades humanísticas, que são praticamente desconsideradas.

Como consequência desse processo histórico, o jornalismo se fez de cunho mecanicista, utilizando métodos racionais - que negam as ações sociais construídas a partir de ferramentas subjetivas - para apuração, análise e verificação dos fatos. Precisava, então, construir suas bases na objetividade para que fosse legitimado cientificamente. Segundo Serelle (2009), a objetividade seria ainda um trunfo para conquistar mais leitores, ao contrário do partidarismo no jornalismo, que gera uma abrangência de público muito menor.

De acordo com o autor, o eu jornalista também perde espaço no jornalismo moderno “cuja objetividade épica, à guisa da historiografia positivista e da voga realista-naturalista oitocentista, faz com que o evento pareça contar a si mesmo” (SERELLE, 2009, p. 36). Para tanto, foi adotado na escrita o ponto de vista em terceira pessoa - pois o jornalista deveria manter-se imparcial e distanciado dos acontecimentos e dos sujeitos - e produzir um relato mais técnico.

Além disso, as narrativas do jornalismo objetivo ficam condicionadas às regras e normas da profissão, como as fórmulas de construção de notícia, que teriam como objetivo facilitar e agilizar a leitura. Entre estas estão, por exemplo, o *lead* e a pirâmide invertida.

Por ser um jornalismo unido a grupos de poder ideológico e mercadológico, o teor das narrativas produzidas está condicionado aos critérios de noticiabilidade, pois precisa estar harmônico aos interesses da empresa de comunicação, que depende do “beneplácito econômico (publicidade das estatais) ou político (no caso das concessões dos meios eletrônicos)” (MEDINA, 2004, p. 36). A escolha das fontes⁴ também está vinculada a esses requisitos, e tem como objetivo comprovar a veracidade dos fatos que serão narrados, dando credibilidade a um jornalismo que insiste em reforçar seu cunho

⁴ Jargão utilizado no meio jornalístico para se referir aos entrevistados.



cientificista. Neste caso, o foco do jornalista está na discussão sobre um tema e não na história de vida de um personagem.

Por conta disso, o jornalista muitas vezes escolhe seus entrevistados dentre aquelas fontes oficiais que detêm o poder para falar sobre determinado assunto. Esse poder não se deve apenas ao seu conhecimento, mas à visibilidade ou cargo importante que possui em instituições pelas quais responde. Beneficiado em função dessa relação que mantém com a imprensa, o entrevistado pode inclusive entrar no jogo e só falar aquilo que o jornalista quer ouvir.

A pré-determinação da pessoa capacitada a falar diminui a possibilidade de se ouvir vozes dissonantes. Porém, quando um tema é controverso e gera discussão em sociedade, o profissional busca então duas fontes com visões diferentes para contar cada um sua versão, mostrando assim que é isento de opiniões. Essa atitude revela um pensamento dicotômico, tal qual o da Modernidade da qual é fruto, como se o contexto e os sujeitos tivessem apenas dois lados para serem analisados.

Quando, enfim, o foco do trabalho jornalístico são as histórias de vida, a escolha dos entrevistados está geralmente entre aqueles que também têm valor de notícia por sua visibilidade, prestígio ou pela curiosidade que incitam no público, como as celebridades, esportistas, artistas, formadores de opinião e cientistas renomados. O sujeito anônimo em seu cotidiano, sua vida ordinária, só tem vez quando conectado a algum acontecimento de grande amplitude ou poder de atração que gera no público.

Portanto, o jornalista quase sempre busca no outro aquelas características que estimulam a atenção, enfatizando traços específicos que fizeram deste uma personalidade pública, correndo o risco de criar um perfil caricato ou glamourizado. Preso a uma ideologia maniqueísta que reduz o ser humano a dicotomismos – bom ou mau, burro ou inteligente, louco ou são – e com tendência ao julgamento apriorístico, o jornalista vai ao encontro do outro com os olhos fechados para aquilo que este tem a revelar de si próprio em toda a sua complexidade.

O problema é ainda maior quando esse contato com o entrevistado é feito por telefone e internet, prática muito comum hoje nas redações dos jornais. Isso se deve à falta de tempo e excesso de trabalho do jornalista envolto em uma equipe cada vez mais reduzida por necessidade de contenção de gastos da empresa, que visa antes de tudo o lucro.

E na hora de escrever a narrativa, o repórter encontra pouco espaço para se aprofundar e desenvolver a criatividade, limitando-se a trabalhar dentro dos moldes da



técnica jornalística. Para ele, não é disponibilizado tempo para o estudo, a pesquisa e a descoberta da melhor forma de dar sentido aos acontecimentos e às histórias de vida. Como resultado, tem-se um texto burocrático e descontextualizado que, a nosso ver, pouco afeta o leitor, pois não o envolve, não proporciona um entendimento mais intenso.

Buscando na objetividade a fluência e a eficiência da comunicação, essa prática jornalística objetiva se contradiz ao promover uma entrevista muitas vezes impositiva e limitada a um questionário. Além disso, o distanciamento do jornalista – frente ao outro e no relato técnico dos fatos – em nome da imparcialidade e da objetividade, impede um contato mais profundo entre os interlocutores.

3 O jornalismo subjetivo

Caminhando em paralelo ao jornalismo objetivo, sempre esteve presente um modelo de jornalismo não institucionalizado – por isso, mais livre das amarras ideológicas dos veículos de comunicação, das leis do mercado e das regras da profissão - que estamos chamando de *subjetivo*. Suas narrativas podem ser vistas com mais frequência em meios alternativos ou independentes, como revistas especializadas, blogs, sites e livros de reportagem.

Nesse modelo, conseguimos perceber a busca pela *compreensão* de que fala Medina (2004). Para a autora, a compreensão pode estar presente não somente no momento da relação entre o eu jornalista e o outro personagem, mas em toda prática jornalística, a começar pela escolha e elaboração da pauta. Cabe então à capacidade dialógica do profissional fazer com que o estudo dessa pauta gere mais do que aquele questionário básico como elemento desencadeador de uma relação com o entrevistado.

A compreensão vai depender também da sensibilidade de artista que o jornalista pode alcançar, e que se revela quando ele “aceita este desafio da interação social e a transforma numa obra de arte” (MEDINA, 2004, p. 30). Quanto mais sensibilidade tiver, maior será a percepção do profissional para a complexidade de uma relação. Mais perceptiva será, portanto, a maneira como ele vai se aproximar e se portar durante uma entrevista, como vai captar as sutilezas dos olhares, os gestos, os silêncios, os objetos ao redor, e como lidará com os limites impostos e os espaços abertos pelo outro. Para tanto, é preciso que o jornalista tenha liberdade para se desprender das amarras profissionais,



aceitar as imprevisibilidades do encontro e se adaptar às circunstâncias. O resultado disso será uma receptividade muito mais intensa do personagem.

À maneira do antropólogo em busca de alteridade, quanto mais profunda for a imersão do jornalista no contexto de vida, na história e nas relações pessoais do outro, mais intensa será a compreensão. Porém, a imersão requer tempo, pois é preciso conquistar cuidadosamente a intimidade e a confiança, e que serão mais intensas quanto mais o jornalista também se entregar para a relação e mostrar o real interesse pelo personagem. Logo, o jornalista não pode agir como um sujeito que dita as regras e conforma o outro à sua maneira, pois assim estará deturpando a verdade. Ele deve procurar deixar de lado os dogmas, os estereótipos e os pré-julgamentos e respeitar a diferença do outro, aquilo que ele tem a mostrar. Dessa forma, então, conquista uma relação de alteridade.

Mas o trabalho não terá sido completo se o jornalista não conseguir passar para o texto como se deu o encontro com o outro. O segredo é saber traduzir de maneira mais humanizada e subjetiva todo o processo de interação, cada passo dado, cada conhecimento produzido, cada troca efetivada e as “filigranas do outro que normalmente escapam à percepção objetiva” (SERELLE, 2009, p. 34). Para tanto, tem-se o retorno da presença do jornalista por meio de uma escrita autoral em primeira pessoa, “em que a perspectiva do sujeito não apenas molda a matéria narrada, mas a própria experiência do narrador torna-se parte do fato a ser comunicado” (SERELLE, 2009, p. 39).

Portanto, a exposição do eu jornalista não acontece de forma arbitrária, mas pela necessidade de revelar no texto sua intervenção nos acontecimentos dos quais participa e na relação que teve com o outro personagem. Uma vez que esta relação, no contexto do jornalismo subjetivo, se pretende dialógica, o jornalista e o personagem são interdependentes, ambos se fazem presentes e devem estar expostos na narrativa. Além disso, a narrativa em primeira pessoa ficará mais humanizada e próxima do real vivido e enquadrado pelo jornalista, conquistando assim uma maior identificação e envolvimento do leitor com as histórias de vida e, conseqüentemente, uma compreensão mais profunda.

Essas características do jornalismo subjetivo são percebidas mais intensamente quando o jornalismo se aproxima da literatura e suas técnicas, como a narração em primeira pessoa, a metáfora, a humanização dos personagens, a descrição, a construção cena a cena, a reflexão e o diálogo. Felipe Pena (2006) também enxerga na proximidade



do jornalismo com a literatura uma alternativa para aqueles profissionais que buscam um fazer jornalístico mais completo, humanizado, voltado para o outro, mais inteligível e próximo do leitor. O autor vai compilar em sua “estrela das sete pontas” as características desse jornalismo que ele chama de literário.

Segundo o autor, é preciso “potencializar os recursos jornalísticos” (PENA, 2006, p. 13), transpor os limites dos fatos diários e ir além dos dados estatísticos e análises técnicas, podendo, com isso, alcançar a perenidade. É preciso, também, buscar uma “visão ampla da realidade” (PENA, 2006, p. 14). Em nosso entendimento, significa dizer que um fato não tem apenas dois lados, mas inúmeros, e que os sujeitos são multifacetados. Ele vai dizer, ainda, que o jornalismo precisa trabalhar com cidadania, ou seja, se comprometer com o social acima de qualquer ideologia política ou obrigação com anunciantes; romper os limites da técnica e evitar às fontes oficiais, abrindo espaços para outras vozes.

Acreditamos, portanto, que o jornalismo que estamos chamando de subjetivo estimula com mais intensidade a compreensão, a apuração minuciosa e contextualizada dos fatos, o diálogo e a alteridade entre o eu jornalista e o outro entrevistado. Esse jornalismo se diferencia ainda pela presença da voz autoral do jornalista e da aproximação com a literatura por meio da utilização de suas técnicas de narração, que tornam suas narrativas mais profundas, detalhadas e humanizadas.

É a partir desse referencial teórico, que aponta para um outro modo de fazer jornalismo (diferente do modelo objetivo), que procuramos analisar algumas narrativas jornalísticas contemporâneas, o que será feito a seguir.

4 A vida que ninguém vê

A fim de investigar a configuração do jornalismo subjetivo, este artigo toma como objeto de análise as narrativas jornalísticas escritas por Eliane Brum numa coluna semanal do *Jornal Zero Hora* que vigorou ao longo do ano de 1999. Por meio dessas narrativas, reunidas no livro *A vida que ninguém vê* – vencedor do prêmio Jabuti (2006) na categoria livro de reportagem –, procuramos observar como se conforma o fazer jornalístico da repórter gaúcha, principalmente no que tange a sua relação com o outro, o personagem real. A partir dessa análise, pretendemos observar ainda como as narrativas escritas pela repórter podem afetar o leitor.



Para tanto, elaboramos quatro categorias que orientarão a análise de alguns textos do livro. A primeira categoria diz respeito ao eu jornalista, à maneira como Eliane Brum observa e participa dos acontecimentos, se relaciona com o personagem real e se posiciona na escrita. Já a segunda categoria refere-se ao outro. É aquela por meio da qual observamos quem são os personagens reais e como eles emergem das narrativas da repórter.

É preciso levar em conta, ainda, uma terceira categoria que expressa o contexto em que está inserido o par eu-outro do fazer jornalístico e as questões sociais levantadas nos textos. Finalmente, a quarta categoria está relacionada ao estilo de escrita da repórter e às técnicas que ela utiliza para conseguir materializar o processo de busca do outro e a relação conformada entre eles.

Os textos que serão analisados são: *O Sapo*; *Um certo Geppe Coppini*; *Sinal fechado para Camila*; *Dona Maria tem olhos brilhantes* e *O homem que come vidro*. Como critério de seleção, optamos por aqueles textos cujo título deu prioridade aos personagens - revelando os nomes ou apelidos destes – ao invés dos acontecimentos, e que, portanto, sugerem que vamos ler histórias de vida. Afinal, nosso foco está nos sujeitos e na interação que se estabelece entre eles.

Com relação à análise da primeira categoria, observamos que, nas cinco narrativas, tem-se o retorno do eu narrador tal qual pudemos observar nos momentos-chave em que o jornalismo se aproximou da literatura ao longo da história. Esse retorno é muito marcante na prática jornalística de cunho subjetivo. Nos textos analisados, Eliane Brum escreve em primeira pessoa, portanto, é ela quem fornece o foco dos acontecimentos, quem dá voz ao outro, o personagem real. Em *Um certo Geppe Coppini*, Brum inicia sua narrativa revelando o momento do primeiro encontro com o personagem:

Todos em Anta Gorda têm algo a dizer sobre Geppe Coppini. Todos. Geppe está para o município do Vale do Taquari como a unha para a carne, a pétala para o miolo, a corda para a força. Sim, ele. Um certo Geppe Coppini. Vou contar, então, a história desse tal de Geppe. E quando eu terminar me digam vocês quem é, afinal, Geppe Coppini. (BRUM, 2006, p. 42).

Isso significa dizer que Eliane Brum é observadora dos acontecimentos e até uma personagem do texto, mesmo que apareça somente como coadjuvante. Sua presença, então, tem valor testemunhal, característica do fazer jornalístico que proporciona um pacto de credibilidade com o leitor, mas que vem perdendo espaço na contemporaneidade, como vimos anteriormente. Além disso, Brum se relaciona com os



sujeitos da história. Assim ocorreu em *O homem que come vidro*. O teor dessa narrativa, inclusive, foi desencadeado por uma pergunta feita pelo personagem Jorge Luiz (o Homem de Aço) à repórter: “Moça, me diz uma coisa. Tu acha que eu devo continuar comendo vidro ou devo desistir, voltar para minha terra e plantar uma rocinha? Fiquei muda. Ele deveria ou não continuar comendo vidro?” (BRUM, 2006, p. 150).

Portanto, percebe-se na narrativa de Eliane Brum o retorno da reportagem, que requer do profissional sua ida a campo. Para a repórter, porém, sua saída da redação do jornal não significa somente ir às ruas observar os acontecimentos ou contatar o outro para uma entrevista. Seu trabalho tem como objetivo a imersão, característica que apresentamos como essencial para a tentativa de compreender o outro e os fatos de maneira mais profunda. Eliane corrobora com nossa perspectiva ao dizer que faz “parte de um grupo de repórteres que continua brigando para fazer matéria pessoalmente, sem a mediação de telefones e e-mails, prestando atenção no que vê, sente, observa - e não apenas no que é dito”⁵. E a presença do eu narrador se faz necessária de maneira a conseguir materializar no texto - por meio da descrição dos espaços, objetos e personagens - as impressões próprias da repórter:

O Homem de Aço bandeou-se então para Glênio Peres com todas as suas riquezas: um chapéu de couro, um saco de cacos de vidro, uma foto do casal de filhos e um bilhete escrito por ele mesmo em que jura amar para além da vida a esposa que morreu atropelada dois anos atrás. Tatiane, eu tiamo, assim, grudado para que não seja separado da mulher da sua vida novamente nem pelo vácuo da gramática. (BRUM, 2006, p. 151).

Também é possível verificar a presença e a imersão de Brum nos diálogos intercalados com a narração - como geralmente é feito no texto literário -, por meio dos quais é possível acompanhar a tentativa de um olhar menos preso a ideias pré-estipuladas e a uma entrevista dirigida. Um olhar que se “recusa a enxergar apenas o que está programado, o que está na superfície” (BRUM, 2006, p. 189). Nos diálogos do texto, é possível perceber uma abertura de Eliane para o que o outro tem a dizer, como Sapo, um pedinte que anda se arrastando pelas ruas, pois não tem forças nas pernas para caminhar:

- Como o senhor está?
- Com saúde e bastante preguiça. Preguiça, pra dizer bem a verdade, até por dentro dos olhos.
- Como é a Rua da Praia aí de baixo?

⁵ Entrevista publicada no site <http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=f120071022195939&category=ensaios&lang=>. Acesso em 24/11/2010.



- Olha, é só perna. Um mar de pernas. Mas eu não vejo só perna, não. Vejo de tudo um pouco. Vejo coisa que nem devia...
- O senhor é sem-vergonha...
- Sou o tipo mais esquisito do mundo. Sou namorador. Meu único defeito é gostar de mulher. (BRUM, 2006, p. 60).

A narrativa em primeira pessoa está explícita, ainda, nos trechos em que Eliane Brum faz reflexões pessoais sobre os personagens e as questões sociais levantadas nas histórias. Em determinados momentos, a repórter até mesmo convida o leitor a refletir com ela, atitude típica presente na escrita literária, como a de Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ao falar da morte de Camila, uma menina de 10 anos que sobrevivia pedindo esmolas no trânsito, Brum pergunta ao leitor: “A questão é saber quantas Camilas precisarão morrer antes de baixarmos o vidro de nossa inconsciência. Você sabe? E agora, tio lindo, tia linda, o que vamos fazer?” (BRUM, 2006, p. 128).

Dessa forma, podemos afirmar que a repórter apresenta um olhar próprio sobre os fatos e os sujeitos, portanto, é parcial. Tem-se um olhar subjetivo, que humaniza as histórias, que se revela como fruto de um momento de interação, de imersão, de uma realidade que se construiu a partir de sua participação. É o real enquadrado por meio dos olhos e da escrita de Eliane Brum.

A análise a partir da segunda categoria, sobre quem são e como surgem os personagens das cinco narrativas presentes em *A vida que ninguém vê*, mostrou que, apesar de haver informações importantes oriundas de fontes especializadas, as ditas oficiais, estas não estão personificadas nos textos. Além disso, não temos suas falas transcritas dentro de aspas, como costumamos ver nas matérias factuais do jornalismo objetivo. Portanto, essas fontes não atuam nas narrativas, mas podem ser acionadas pela repórter quando ajudam a revelar, com mais apuro, questões sociais oriundas do contexto de vida de seus personagens.

Tampouco estão presentes em seus textos as personalidades públicas, celebridades ou artistas que na grande mídia ganham visibilidade constante. A repórter vai às ruas ao encontro dos sujeitos ordinários, anônimos e invisíveis, em busca das “histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico” (BRUM, 2006, p. 187). A atenção da repórter voltada para esses personagens se deve ao fato dela acreditar que “o ordinário da vida é o extraordinário” (BRUM, 2006, p. 187).



É o caso do personagem Alverindo, conhecido por Sapo porque vive deitado, “lambendo com a barriga as pedras da rua” (BRUM, 2006, p. 60) na qual ele trabalha, das 9 às 18 horas, pedindo esmola às pessoas que por ali circulam. Em nosso entendimento, Alverindo não é revelado na narrativa de forma espetacular. O foco de atenção da repórter não está em sua deficiência física, mas em quem é aquela pessoa por detrás de suas limitações, como enxerga a vida, como sobrevive na rua:

- O senhor gosta de estar aqui?
- Todo mundo me conhece. Não sou ladrão. Não sou bandido.
- Quem dá mais dinheiro? Os homens ou as mulheres?
- Deus botou um coração mole na mulher. Elas me dão de cinco, de dez. Os homens, só moedinha. As mulheres não, me encham o bolso.
- O que faz nos fins de semana?
- Bebo uma brahminha e como um pedaço de carne.
- O senhor tem pena de estar aqui, deitado na rua?
- Tenha pena dos cegos. Eles dão cada pechada... Deus me tirou as pernas, mas me deu um ganha-pão. (BRUM, 2006, p. 62).

Vimos, então, que os textos de Eliane Brum revelam um fazer que prioriza a humanização, que significa trazer o ser humano para o foco dos acontecimentos, dando voz aos personagens, mostrando sua índole, suas angústias, os sentimentos, as crenças e os comportamentos por trás das aparências. Para tanto, faz-se uma observação atenta em busca das manias, dos cacoetes, das qualidades, defeitos e contradições, características que Brum tenta captar por meio da imersão no universo do outro.

Ao analisarmos os textos tendo em vista a terceira categoria, percebemos que as questões sociais levantadas são aquelas referentes ao contexto de vida dos personagens. Para a repórter, é necessário fugir do senso comum, das pautas que o jornalismo clássico costuma priorizar e que, a seu ver, não trazem um olhar diferenciado sobre os acontecimentos e as pessoas. É por isso que ela diz preferir os “desacontecimentos, não-fatos, antinotícias” (BRUM, 2006, p. 188). A repórter se interessa pelas práticas do cotidiano.

Brum vai olhar para o que está além da superfície dos sujeitos anônimos, para os pequenos gestos de resistência no dia-a-dia daqueles que vivem no lado obscuro de nossa sociedade. Resistência à indiferença, à invisibilidade, à pobreza, à violência, ao abandono, à discriminação, à falta de oportunidade de uma vida mais digna. Afinal, a



repórter acredita que “as grandes mudanças são explicitadas na vida cotidiana da gente comum, que as grandes mudanças estão radicalizadas nos pequenos detalhes”⁶.

Em *O sapo*, por exemplo, a relação entre o eu jornalista e o personagem se conforma no local de trabalho dele: a rua. E as questões sociais levantadas pela repórter dizem respeito à rede de pessoas existentes por detrás de cada pedinte. No caso de Sapo, essa rede tira proveito de sua deficiência física, mas ao mesmo tempo o protege dos perigos e da competição acirrada pela ocupação dos espaços da cidade. A repórter quer saber a forma como ele faz uso de sua condição especial para garantir seu sustento, mas também seus gostos, alegrias e sonhos.

Realidade parecida vive Jorge Luiz, *O Homem de Aço*, um artista que trabalha nas ruas comendo cacos de vidro, e que no dia do encontro com a repórter, conta que está muito chateado, pois não tem público para assistir a ele em vista da concorrência com outro artista: um índio com seu lagarto dentro de um cesto e suas pomadas milagrosas. Veja o que Brum conta sobre o personagem:

Jorge Luiz não entendia por que as pessoas preferiam ver um lagarto sem graça fazer coisa nenhuma a assistir a um homem comer vidro, deitar-se sobre vidro, caminhar sobre vidro. Não compreendia um mundo em que um homem comendo vidro não causava espanto. Ficamos os dois ali, olhando feio para o lagarto. Depois fui embora, sem responder sua pergunta de abismo. O Homem de Aço não estava preparado para a maior de todas as dores: a da invisibilidade. (BRUM, 2006, p. 151).

Por fim, temos a quarta categoria, que busca averiguar o estilo próprio de Eliane Brum e as técnicas de construção textual utilizadas para melhor contar a busca do outro e para afetar o leitor, fazendo-o compreender os personagens e mergulhar em suas histórias de vida. A nosso ver, estão presentes nas narrativas de Eliane Brum as mesmas características do jornalismo subjetivo que esboçamos anteriormente.

Mais livre das amarras mercadológicas, ideológicas e técnicas da profissão, Eliane Brum não se prende a uma pauta elaborada pelo veículo de comunicação, estando aberta às possibilidades que surgem quando vai a campo. Tampouco se atenta para as fontes oficiais e os temas que estão em foco nos grandes jornais. Vimos que Brum tem preferência pelos sujeitos anônimos e pelo cotidiano ordinário, que quase sempre passam despercebidos aos olhos do jornalismo objetivo.

⁶ Entrevista publicada no site <http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=f120071022195939&category=ensaios&lang>. Acesso em: 24/11/2010.



Portanto, não estão presentes, nas narrativas de Brum, as temáticas em voga na maioria dos veículos de comunicação, o que vai ao encontro da proposta de Felipe Pena (2006) de rompimento das barreiras da periodicidade e atualidade para que seja possível fazer um trabalho de pesquisa mais aprofundado e propenso à perenidade. Além disso, a repórter não circunscreve a apuração dos fatos reais a uma entrevista dirigida e limitada a uma ideia pré-estipulada sobre o mundo e as pessoas. Ela vai em busca das histórias disposta a dialogar e a imergir no universo do outro para tentar compreendê-lo. Tem-se nesse caso uma relação de alteridade, de troca e de aceitação. Uma relação aberta ao real inesperado, incontrolável, imprevisível.

É possível observar ainda que as narrativas de Eliane Brum não seguem as fórmulas de construção da notícia nem faz uso da narração em terceira pessoa: características adotadas pelo jornalismo clássico para manter a objetividade e a imparcialidade. No entanto, a repórter valoriza os recursos estilísticos que a literatura oferece. Em nosso entendimento, essa foi a maneira que a repórter escolheu para atingir, por meio do simbólico e da escrita envolvente, o imaginário do leitor, fazendo-o mergulhar na história, se emocionar e refletir.

A criatividade também está presente nas narrativas de Eliane Brum, corroborando com o pensamento de Medina quando ela diz que é preciso ser criativo para fugir do padrão do jornalismo objetivo, que não consegue expressar as subjetividades da vida e do outro. Por conta disso, Eliane Brum criou uma maneira própria de expressar o *modo de ser e de dizer* do personagem (MEDINA, 2004). Em determinados momentos, por exemplo, a jornalista narra usando o tom ou as palavras próprias do outro, como fez ao contar a trajetória de Maria, uma mulher da roça que “pariu nove rebentos em sequência. E quando os dois primeiros ficaram no ponto, avisou ao marido Gomercindo: eles vão estudar” (2006, p. 133).

Contudo, a repórter não abre mão da apuração ética e criteriosa utilizada na cobertura noticiosa, nem tampouco de sua função cidadã, ao denunciar os problemas sociais com que se depara nas ruas da cidade:

A menina se chamava Camila. Camila Velasquez Xavier. Tinha 10 anos. Mas os 10 dela equivalem a cem dos seus. Camila viveu muito, até. No bairro onde ela nasceu, o Bom Jesus, 17 como ela morreram antes de completar um ano em 1997. Camila nasceu na Fátima, uma vila da Grande Bom Jesus. Vila, modo de dizer. Becos e mais becos de barracos amontoados sobre o cimento. Lá, o controle da população é feito ao natural. Só em janeiro, já tombaram quatro. Assassinatos citados em notinhas de canto de página. (BRUM, 2006, p. 126).



Em suas narrativas, então, tem-se a utilização de dados e datas precisos do acontecimento, com o compromisso do profissional em ser fiel com a realidade dos fatos, sem inventar situações, lugares, objetos e pessoas, mas informando aquilo que realmente importa saber.

5 Conclusão

Este trabalho teve como intuito entender como se conforma a relação entre jornalista e entrevistado em um modelo de jornalismo que chamamos de *subjetivo*. Como objeto de análise, selecionamos algumas narrativas jornalísticas escritas pela repórter gaúcha Eliane Brum no livro *A vida que ninguém vê*. A partir dessa análise, observamos ainda como essas narrativas procuram afetar o leitor, fazendo-o mergulhar nas histórias de vida presentes no livro.

Para tanto, estudamos primeiramente as características centrais de um modelo institucionalizado de jornalismo, em vigor na maioria dos meios de comunicação hegemônicos: o objetivo. Vimos que esse modelo está atrelado a requisitos ideológicos e mercadológicos e às regras e normas do fazer jornalístico, que lhe deram legitimidade para falar a verdade sobre os acontecimentos de nossa sociedade.

Dessa forma, o encontro entre os sujeitos constituintes do fazer jornalístico clássico se conforma muitas vezes por meio de uma entrevista dirigida e circunscrita aos interesses da empresa de comunicação. Para nós, isso significa dizer que não há uma relação de alteridade, ou seja, de diálogo, imersão e abertura ao outro. E a escrita está limitada às fórmulas de construção da notícia, que não deixam espaço para expressar - de maneira profunda, simbólica e humanizada - a relação conformada entre os sujeitos.

Caminhando em paralelo ao jornalismo objetivo, sempre esteve presente um modelo de jornalismo não institucionalizado que chamamos de *subjetivo* e cujas características foram delineadas no segundo momento deste trabalho. Mais livre das amarras condicionantes da profissão, esse modelo possibilita ao jornalista criar um campo fértil para uma relação mais profunda por meio do diálogo e da imersão no universo do outro.

No jornalismo subjetivo estimula-se também o retorno do eu narrador na escrita, a aproximação da literatura por meio da utilização de suas técnicas de narração – em detrimento das fórmulas de construção de notícias - e a acentuação das potencialidades jornalísticas, como a investigação, a observação apurada e a exatidão dos dados



apresentados e a cidadania. Nesse modelo jornalístico vemos ainda o rompimento das barreiras da periodicidade, da atualidade e da escolha dos temas e fontes de informação. Tem-se ainda o aprofundamento das histórias e a utilização de pontos de vista diferenciados.

A nosso ver, essas características do jornalismo subjetivo estão presentes nas narrativas de Eliane Brum analisadas no terceiro momento deste trabalho. Vimos que, para conseguir expressar o que viu, sentiu e ouviu, Brum escreve em primeira pessoa e faz uso das técnicas literárias para tentar traduzir, com humanização, profundidade e simbolismo, todo o processo de interação. E expõe cada silêncio, cada olhar e cada gesto de resistência de seus personagens. Para nós, as histórias assim narradas fazem com que o leitor se identifique, se envolva e compreenda melhor os personagens e suas histórias de vida, gerando então mais afetação.

Para tanto, Eliane Brum vai às ruas em busca dos invisíveis, os sujeitos comuns, e do cotidiano ordinário. E vai disposta a imergir no universo de seus personagens, aberta ao que está por vir durante o momento de interação. Seu objetivo é ir além do que está na superfície, além do glamour ou da desventura. Seu interesse é alcançar a compreensão. Tem-se então a busca por uma relação de alteridade, que só acontece porque há troca e aceitação da diferença. E porque há diálogo, o *diálogo possível*, como nos sugere Medina (2004).

REFERÊNCIAS

- BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- RESENDE, Fernando. *A narratividade do discurso jornalístico: a questão do outro*. São Bernardo do Campo: 6º Encontro Anual da SBPJor, 2008.
- _____. O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estudos do Jornalismo”, do VIII Encontro da Compós. São Bernardo do Campo, SP, 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_668.pdf>.
- SERELLE, Marcio. *Jornalismo e guinada subjetiva*. Estudos em jornalismo e mídia – Ano VI – n.2, p. 33 – 44, jul./dez. 2009.